

LUIS SEPÚLVEDA

ENCONTRO DE AMOR
NUM PAÍS EM GUERRA

Tradução de Pedro Tamen

Amores e Desamores

Encontro de amor num país em guerra

Sou um homem decente. Tenho medo.

José Martí

Estava contente. Tinha um encontro para aquela noite. Alguém a quem tocar, ver, falar. Esquecer a morte pão de cada dia.

Gostava da mulher. Gostei dela desde a primeira vez que a vi num café da Cidade do Panamá. Nessa ocasião estava acompanhada pelo homem maciço que nos dera as instruções necessárias e as contrassenhas para seguirmos para a Costa Rica e, de lá, continuarmos até à fronteira norte, onde nos juntaríamos ao grosso da brigada.

A mulher não falou durante a conversa. Mesmo à despedida manteve-se no seu silêncio. Um forte aperto de mãos e nada mais.

O Pablo estava comigo nesse dia e, depois de os contactos se terem ido embora, bebemos várias rodadas de *Cuba Libre*.

– Gostaste dela – disse-me ele.

– É claro. É normal, não? Há sempre mulheres de quem a gente gosta.

– É preciso olho, irmão. O melhor é esquecê-la.

– Não me confessei apaixonado.

– Melhor assim. Não penses mais nela.

O Pablo morreu escassos dias depois de atravessar a fronteira e fiquei contente por não estar com ele quando aquilo aconteceu.

Foi horrível, como todas as mortes. Vim a saber por um comunicado de guerra e, mais tarde, pela boca de um companheiro que me contou os pormenores.

A coluna de Pablo conseguiu avançar vários quilómetros a partir de Peñas Blancas na direção de Rivas. Anoitecia quando descobriram uma cabana abandonada e, depois de fazerem uma inspeção, decidiram pernoitar nela. O único sobrevivente, o que me contou a história, conseguiu salvar-se apenas devido a um golpe de sorte. O comandante da coluna ordenou-lhe que ficasse de guarda fora da cabana. Tudo se passou muito depressa. Lá dentro encontraram um pouco de lenha, e entre os paus a Guarda deixara uma armadilha de caçar lobos. Alguém da coluna quis fazer uma fogueira e, ao levantar uma acha, a explosão matou-os a todos.

Não ia a pensar no Pablo enquanto me dirigia para o lugar combinado. Pensava na mulher.

Havia muitos meses que não abraçava um corpo morno, um corpo macio, alguém que fizesse perguntas, alguém que respondesse às minhas. Era tempo de mais sem dar nem receber um pouco de ternura. O tempo justo para uma pessoa se transformar num animal no meio da guerra.

Estávamos em Rivas, e era a terceira vez que tomávamos a cidade em menos de dois meses. Ao que parecia, a Guarda estava agora bastante enfraquecida e ficaríamos ali um breve período antes de seguirmos para Belén, onde nos dividiríamos para o ataque simultâneo a Jinotepe e a Granada.

Ela falou-me quando estávamos na fila do aviamento.

– Nós conhecemo-nos. Lembras-te?

– Claro que me lembro. Posso dizer-te quantas pernas tinha a mesa do café na Cidade do Panamá.

Riu-se.

– Às vezes a memória não é boa companheira. É preciso saber esquecer rapidamente.

Depois de termos recebido o equipamento fomos sentar na praça num lugar à sombra.

– Esta cidade deve ser lindíssima quando não há guerra. Uma cidade para gozar o pôr do sol sentindo nas costas a brisa do lago.

– É uma cidade bonita. Eu sou daqui.

– Tens família aqui?

– Prefiro não falar nisso.

– Está bem. Se preferes assim... Uma última pergunta. Onde está o nosso companheiro do nosso encontro no Panamá?

– Morto – respondeu.

O homem recebera instruções para avançar para leste, a sua coluna devia apertar a tenaz que cercava Bluefields. As forças de Pastora atacavam a partir de San Juan del Norte, e o homem conhecia muito bem a zona depois de sete anos de luta naqueles montes. Passadas algumas escaramuças ocuparam Juigalpa, e de lá seguiram até Rama, onde a Guarda lhes armou uma cilada obrigando-os a refugiar-se numa zona pantanosa. Depois de vários ataques da aviação somozista, ele acabou por ser capturado juntamente com outros poucos sobreviventes. Antes de acabarem com eles, foram todos esfolados vivos.

– Lamento – foi a única coisa que pude dizer.

– Eu também. Apesar de já não sermos companheiros – disse-me ela com palavras muito pausadas.

– Estás sozinha?

Sem palavras deu-me a entender que sim, e quando lhe fiz uma festa na cara fechou os olhos.

O sol batia com força quando cheguei ao meu posto, e era melhor assim. De outro modo, os insuportáveis mosquitos teriam dado comigo em doido.

Era um quarto construído com pranchas metálicas, dantes usado pela Guarda para os prisioneiros incomunicáveis. Nós dávamos-lhe o mesmo fim e lá dentro devia fazer um calor sufocante.

Tinha de vigiar o prisioneiro que tínhamos julgado durante a manhã. Tudo o que sabia dele é que era um «bufo», um informador da Guarda, e que por sua culpa muitos dos nossos tinham caído e muita gente sem outra razão além da de viver em Rivas. Encostei a espingarda à parede de zinco e sentei-me no chão de cascalho. Tinha sede e, procurando não ser visto por ninguém, puxei de uma garrafa de rum de um bolso da camisa.

O álcool estava proibido entre os combatentes, pois muito bem, formalmente proibido, mas havia sempre uma maneira de arranjar qualquer coisa para beber. Era bom o rum da Nicarágua. Forte e um pouco adocicado, com um sabor a cana que se prolongava no paladar. Gostava do rum, mas não gostava de estar ali. Pouco restava na garrafa. Era uma daquelas garrafas achatadas que as pessoas das cidades tranquilas usam quando vão ao hipódromo ou em viagem. Não. Não gostava de estar ali, de guarda ao prisioneiro e a divagar acerca da garrafa.

Sentado, pensei que onde eu queria estar era no Manolo, naquele café do princípio da Avenida Amazonas, em Quito.

Lá estava-se bem. Podia-se ocupar uma mesa debaixo de um guarda-sol com propaganda dos cigarros *Camel*, um *whisky* com gelo, e ficar longas horas a ler o jornal, ou simplesmente a ver passar gente. Às vezes aproximava-se um conhecido e perguntava do passeio:

«Que tal? Que é que fazes esta tarde?»

«Não sei. Não tenho planos.»

«Formidável. Então encontramos no Charpentier ou mais tarde no Urso Polar.»

«Pronto. Lá estaremos.»

Comia-se bem no Charpentier, e o Urso Polar era um escuro tugúrio frequentado por cantores e toureiros em desgraça. Era um bom lugar antes de fechar a noite com um *canelazo* e aguardente, canela e açúcar.

Acendi um cigarro e o homem falou comigo.

– Não te importas de me dar um, irmão?

Amaldiçoei o olfato do tipo. Restavam-me muito poucos e quem sabe se encontraria alguma coisa para fumar quando se acabassem estes. Mas não se pode negar um cigarro. Eu também conhecia a prisão e sei a vontade de fumar que dá. Além disso, eram as suas últimas horas.

– Toma.

Passai-lhe um aceso pela ranhura inferior da porta.

– Obrigado, irmão.

– Não me chames irmão.

– Todos somos irmãos. Caim e Abel também eram irmãos.

– Cala-te.

O prisioneiro não tornou a falar, e melhor assim.

Pensava na mulher. Tínhamos almoçado juntos. Levou-me a uma casa por onde se entrava pelo buraco de um tiro de canhão. Lá dentro estavam duas velhas desdentadas que me olhavam com um sorriso velhaco.

– O compadre não é destas bandas – comentou uma delas.

– Não. Sou de um pouco mais ao sul – respondi-lhe.

Fizeram omeletas e num jarrinho de barro puseram os feijões cozidos. Deixaram-nos sozinhos.

– É pena não haver nada para beber, a não ser água.

– Eu tenho sede – respondi puxando do meu resto de rum.

– Podes beber rum com a comida?

– Não. Mas água também não. Enche-me as tripas de parasitas.

– Espera. Acho que ainda há um pouco de café.

Enquanto se inclinava sobre o fogão abracei-a pela cintura.

– Cuidado que as velhas podem voltar.

– E que importa? É suposto fazermos esta revolução para sermos livres. Toda esta guerra porca é para isso, ou não?

– Não percebes.

– Mas que raio é que tenho que perceber?

Beijou-me, e fez-me prometer que voltaria à noite.

O sol continuava a bater com força. Às vezes pensava no prisioneiro que estava ali dentro a ser cozinhado e imediatamente afastava os meus pensamentos. Não era assunto meu e não gostava de estar ali. Amaldiçoava aquela guerra em que estava voluntariamente envolvido, aquela guerra maldita que se prolongava mais e mais do que se tinha pensado. Acabei por falar com ele.

– Queres fumar?

– Se me convidares para um, irmão.

Acendi dois e passei um por baixo da porta.

– Obrigado, irmão.

Deu-me vontade de rir.

– Está bem, irmão. Toma. – Meti a garrafa pelo espaço de luz que havia entre a porta e o chão. – Bebe uma golada, mas não todo.

– Obrigado, irmão. Mas não bebo.

– E pode-se saber porque é que não, irmão?

– Porque sou evangélico, irmão.

– Ora bardamerda!

Tinha a camisa colada ao corpo e as botas torturavam-me como sempre. Tentava pensar noutras coisas, noutras lugares, para não sentir o castigo do sol. Pensava, por exemplo, em como seria bom pegar num bote e remar pelo lago dentro até às ilhas Solentiname, mas isso era uma coisa absurda. A Guarda patrulhava o lago de dia e de noite, e lá das lanchas costumavam ter uma pontaria do demónio. Transportei os meus pensamentos para a Costa Rica, para o cantinho europeu que Esteban me mostrara uma tarde a poucos quilómetros de Moravia. O cantinho era um meio hectare de bosque atravessado por um regato cheio de trutas. Sempre que podíamos íamos à pesca e, à sombra de frondosas árvores, fartávamo-nos de trutas fritas e vinho chileno.

– Irmão...

– Que queres tu?

– Quando me vão fuzilar?

– Não sei. Não te disseram?

– Não me disseram nada, irmão. Mas não interessa. Eu sei que vão fuzilar-me não tarda, e mereço.

– Ora, porra. Se queres um confessor posso fazer com que te chamem um padre.

– Não, irmão, obrigado. Já te disse que sou evangélico.

O tipo devia estar meio louco. Talvez o cérebro já estivesse cozido. Nunca o tinha visto, mas o timbre de voz indicava ser um homem novo.

– Sabes porque é que me têm aqui, irmão?

– Porque és um bufo.

– Certo. Mas tudo o que fiz foi por amor.

– Por amor? Foi por amor que denunciaste e mandaste para a morte dezenas de pessoas? O teu conceito de amor é bastante estranho.

– Às vezes o amor confunde-se com o ódio e não há ninguém que nos possa apontar a diferença. Não me odeies, irmão.

– Eu não te odeio. E, com mil diabos, não tornes a chamar-me irmão.

A conversa com o prisioneiro pôs-me de mau humor e, para cúmulo, a garrafa tinha-se esvaziado. O cair da tarde trouxe um pouco de brisa do lago e, a mim, a rendição.

– Novidades?

– Nenhuma.

– Se fores depressa consegues comer um pouco de carne de porco.

Olá, se me apressei. Havia semanas que não provava um pedaço de carne. Estava eu a comer quando um homem com distintivo de comandante se sentou ao meu lado.

– Está bom?

– Razoável. De certeza que no Intercontinental se come melhor.

– De certeza. Vamos a ver se tiramos isso a limpo quando chegarmos a Manágua.

– Vamos a ver.

– Estavas de guarda ao prisioneiro?

– Estava. Toda a tarde.

– Disse alguma coisa?

– Nem meia.

– É um filho da puta, garanto-te, irmão.

– De certeza, irmão.

Terminado o jantar, procurei conseguir alguns cigarros e tive sorte. O quiosque da praça estava aberto e iluminado como se a guerra se passasse num lugar muito distante dali, e não só me venderam cigarros, mas também uma garrafa de rum e um frasco de sumo de manga. Depois de equipado, o meu humor melhorou e bebi uma cerveja gelada conversando com duas

mulheres combatentes. Esquisitamente, a guerra desapareceu no meio da noite estrelada e as mulheres falaram do futuro com uma desenvoltura que ao princípio me surpreendeu e que acabou por me desagradar. Eram odiosamente otimistas, e eu sempre me pus a pau com gente assim. Aprendi com o Pablo que acabam por trazer má sorte.

A obscuridade decidiu-me a pôr-me a caminho da casa das velhas. Uma delas recebeu-me com um risinho velhaco.

– Voltou o camarada do sul.

– Sim. Voltei.

– Entre, entre, que estão à sua espera.

A velha desapareceu sem abandonar o seu risinho. Lá dentro, a mulher pendurava um mosquiteiro por cima da rede de dormir.

– Que tal foi a tarde? – perguntou.

Encontrei num móvel dois copos e preparei uma golada de rum com sumo de manga.

– Má. Estive de guarda ao prisioneiro.

– Ah.

– Conhece-lo? Disseram-me que também é daqui.

– Prefiro não falar nisso.

– Tens razão. Não se fala dele. Toma. Pode dizer-se que é *cocktail* equatoriano. Gostas de *cocktails*? Se chegarmos vivos a Manágua convido-te um *martini* seco e deixo-te comer a minha azeitona, prometo.

Ao passar-lhe o copo agarrei-a pela cintura e, quando tentei beijá-la, descobri que estava a chorar.

– Não te importas de me dizer que raio é que se passa?

– Nada. Não se passa nada.

– Nada? Olha. Vamos esclarecer as coisas. Eu quero estar contigo, percebes? Gosto de ti e quero estar contigo esta noite.

Nem tu nem eu sabemos o que nos acontecerá amanhã, percebes? A única pessoa que conhece o seu futuro nesta maldita cidade é o prisioneiro, sabe que o vão matar antes de o sol nascer. Estou farto desta maldita guerra e não tenho outro desejo além do de estar contigo, mas bem, e se possível com uma migalha de alegria. És capaz de perceber isto? Agora, se queres que me pires, basta dizeres e não aconteceu nada.

Senti vontade de ir-me embora, mas a mulher conteve-me.

– Está bem. Senta-te aqui ao meu lado. Eu também gosto de ti. Gosto de ti desde o dia do nosso primeiro encontro, apesar de não termos dito nada um ao outro. Também estou cansada e não me importa o que me possa acontecer amanhã. Também quero estar contigo esta noite, mas antes tenho que falar, tenho que falar com alguém, perdoa-me que te utilize, mas é uma espécie de vómito, o que vou dizer-te é assim como um vómito, mas às vezes é necessário vomitar o que nos apodrece por dentro. Ouve-me sem me interromperes. Repito-te que é um vómito. Esse homem, o prisioneiro, é meu marido. É ainda meu marido. Não o amo, nunca o amei. É um pobre diabo que nem sequer tem a inteligência necessária para ser um homem mau. Abandonei-o há quatro anos. Incorporei-me na luta e abalei com o companheiro que conhecestes no Panamá. Quando fiz isso, o prisioneiro, meu marido, enlouqueceu e começou a denunciar todo aquele que lhe parecia ser colaborador da Frente. Hoje vi-o pela primeira vez depois de quatro anos e sabes o que me disse? Que tinha feito tudo por amor, pelo seu amor por mim. Estás a ver? Percebes o que eu sinto?

– Disse-me o mesmo a mim – consegui eu dizer quando soaram os disparos e a mulher me olhou com olhos avermelhados de viúva.